COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Milton e o «paraíso perdido»

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Milton e o «paraíso perdido»", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 247-251.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

111
MILTON E O «PARAÍSO PERDIDO»

TEM de ser. Desculpem, mas tem de ser. Tenho de lhes falar hoje de um poeta de quem gosto muito pouco. No entanto, é inevitável falarmos dele; e seria imperdoável não o fazermos.

Creio mesmo que ainda não houve nenhum outro poeta — dos cento e tal de quem já aqui falámos — que me fosse tão particularmente antipático como Mr. John Milton. Mas trata-se de um vulto de grande prestígio na história da poesia europeia — e não há outro remédio senão incluí-lo nestas *Imagens*. Em contrapartida, a fim de não alongar esta rubrica, tenho passado em silêncio muitos autores que me agradam incomparavelmente mais. Entre os espanhóis, por exemplo (só entre os espanhóis dos séculos XVI e XVII), não me referi a Fray Luis de León, a San Juan de la Cruz, a Calderón de la Barca, a Tirso de Molina... E gosto bastante de dois deles, assim-assim dos outros dois... Mas a omissão de qualquer deles é apesar de tudo mais desculpável, ou menos escandalosa, dentro de um critério de objectividade que me tenho esforçado por manter.

Aliás, a referência a Milton, por motivos de ordem cronológica, já devia mesmo ter sido feita... No entanto, a unidade que pretendi dar às últimas emissões, tratando apenas de grandes poetas franceses do século XVII — La Fontaine, Molière, Racine —, fez-nos avançar demasiado no tempo em relação a esse «monstro sagrado» da poesia inglesa. E a verdade é que John Milton é mais velho treze *e* catorze anos do que La Fontaine e Molière. Enfim, na perspectiva dos séculos, também, não é assim diferença de grande monta. Mas vamos lá aos factos.

Nasceu então Milton em 1608; e, muito antes dos vinte e um anos — que é a idade com que ele está neste retrato —, já tinha decidido que havia de ser célebre. Nem é preciso irmos tão longe: logo aos dez anos já era considerado um génio entre a família... Da pitoresca Londres em que ele nasceu e se criou não permanece o menor reflexo na obra poética que depois veio a escrever. Não o entusiasmava, de maneira alguma, a pompa dos grandes cortejos (o que não deixa aliás de ser simpático); mas tão-pouco se emocionaria muito com certos dramas colectivos (como foi o caso do Grande Incêndio de Londres em 1666). E foi no ano seguinte a este acontecimento que apareceu a primeira edição do poema que é considerado a obra-prima de Milton: o *Paraíso Perdido*. Antes disso, tinha já publicado vários poemas soltos, tanto em inglês como em latim — e em todos se manifestava

o mesmo tipo de inspiração desprendida do concreto. Depois do *Paraíso Perdido* será a vez do *Paraíso Reconquistado*, dentro da mesma linha abstracta, eloquente, soleníssima. Entretanto, o poeta (depois de várias vicissitudes conjugais) tinha cegado e ditava às filhas os versos que ia compondo.

Devemos aqui acrescentar, segundo um testemunho insuspeito — o de um primo e biógrafo do próprio Milton —, que terá sido um autêntico inferno a vida de duas dessas raparigas que o pai despoticamente utilizava como suas secretárias. Basta dizer que Milton não só as empregava como «escriturárias» dos seus versos, mas também, como «leitoras» numas poucas de línguas estrangeiras — francês, italiano, latim, grego — que elas tinham apenas aprendido a pronunciar correctamente, mas de que não percebiam literalmente nada. Por aqui se calcula como semelhante trabalho lhes não devia ser lá muito agradável... E, se calhar, de vez em quando rezingavam. Mas Milton até no testamento resolveu castigá-las, contemplando-as com o mínimo que podia deixar-lhes — e chamando-lhes, ainda por cima, «pouco amáveis» e «muito irrespeitosas».

Seja como for, o conhecimento de todas estas fraquezas humanas não deve interpor-se entre nós e o poeta, entre nós e o poema. É difícil, bem sei, mas necessitamos de tentar essa dissociação. E, quando digo que gosto pouco de Milton ou que ele me é antipático, é talvez o conhecimento de certos pormenores biográficos que está também indirectamente a influenciar-me. Mas tenho a obrigação, diante da sua obra — diante de um poema como o *Paraíso Perdido* —, de tentar esquecer-me de tudo isso, de procurar apenas uma apreciação da poesia *como* poesia.

Aqui, no entanto, levantam-se objecções de uma ordem muito diferente. Por uma questão de gosto pessoal, não sou capaz de apreciar muito uma poesia como a de Milton, geralmente descarnada, retórica, enfática. Mas não posso deixar de reconhecer, por outro lado, que ela tem um fôlego incomparável, um raro sentido de grandeza cósmica, uma arquitectura muito sábia para lá da sua majestade torrencial.

Voltaire — que, a respeito de poesia, melhor fora muitas vezes que estivesse calado — referiu-se, num dos seus romances, a Milton e ao *Paraíso Perdido* nos seguintes termos: «esse bárbaro que fez um longo comentário do primeiro capítulo da Génese em dez livros de versos duros»... E um crítico do século passado — Edmond Scherer — rotulou-o, pos sua vez, como «o poema ao mesmo tempo mais extraordinário e mais insuportável que existe»; mas acrescentou: «A poesia de Milton é a própria essência da poesia. O *Paraíso Perdido* é imortal. É preciso lê-lo apenas por fragmentos, mas esses fragmentos fazem parte do património da humanidade.»

Ora vamos tratar justamente de ler um desses fragmentos — a alocução de Satã ao Sol —, extraído do Livro IV do poema e numa correctíssima tradução do Prof. Luiz Cardim:

«Ó tu que lá do azul, o teu domínio,
de glória portentosa coroado,
és como o Deus do mundo ora nascido,
na presença de quem os astros velam
as apoucadas frontes: eu te invoco,
mas não com voz amiga, e por ti brado,
ó Sol — para dizer-te quanto odeio
teus raios, a lembrar-me de que estado
caí, quão luminoso eu fui no empíreo;
enquanto o orgulho e a ambição nefanda
me não perderam, tendo armado a guerra
nos céus, contra o seu Rei incomparável.
Ah, e porquê? Bem melhor jus tivera
de mim, que ele criou tal como eu fui
na mansão resplendente: o seu amor
a ninguém rejeitava, e o seu serviço
para ninguém, tampouco, era pesado.
Que menos que prestar-lhe mil louvores,
bem fácil recompensa, e dar-lhe graças?
E quão devidas! Todo o bem, no entanto,
em mim só provou mal; assim erguido,
malquis da sujeição; imaginei
subir, dum passo, ao alcandor supremo;
e saldar num momento o longo encargo
da gratidão sem fim, tão opressiva,
que sempre paga, e sempre é devedora.
Olvidei quanto ainda recebia;
e não compreendi que um peito grato
só deve sem dever com ir pagando,
preso e livre a um tempo — qual o fardo?
Ah, tivera o seu génio poderoso
feito de mim um anjo subalterno,
seria então feliz: já meu desvairo
esta ambição ruim não me trouxera.
Feliz? Mas se uma outra potestade,
em vez de mim, a tanto se atrevesse:
não podia arrastar-me nas coortes?
E todavia outros poderes excelsos
não caíram, ficando inabaláveis
a toda a tentação, interna ou externa.
Eras livre, também, de resistir?

Assim eras. A quem, portanto, acusas,
se o amor do Céu a todos igualava?
Maldito pois o amor, se tanto dele
como do ódio, vem desgraça eterna.
Não, maldito só tu que livremente
escolheste o destino que deploras.
Ah, mísero de mim! Onde abrigar-me
da cólera infinita, e desespero?
Adonde vá, é inferno; eu próprio, inferno;
e no mais fundo abismo, um novo abismo
inda mais fundo, e pronto a devorar-me,
perante o qual o meu inferno é glória.
Oh, abranda por fim! Não há lugar
para arrependimento, e para graça?
Só pela submissão: a qual palavra
este desdém me prende, e a vergonha
entre os esp'ritos lá do abismo, a quem
como promessa melhor eu seduzi:
a de vencer o próprio Omnipotente.
Ai de mim! Que nem eles fantasiam
por que preço paguei minha jactância;
a que tormentos íntimos sucumbo.
E quando sobre o trono me veneram,
com meu diadema e com meu ceptro erguido,
mais baixo caio, mais — supremo apenas
na miséria: eis o fruto da ambição.
Quando mesmo, porém, me arrependera,
e piedade obtivera, quão depressa,
com sentir-me elevado, tornariam
os altos pensamentos: quão depressa
renegaria as juras, mal submisso!
Os votos feitos sob a dor são vãos.
Nunca nasce uma trégua verdadeira
onde um ódio mortal tão fundo fere;
recairia logo em pior crime
e em castigo pior; pagava caro
um curto alívio com dobradas penas.
Sabe-o quem me puniu: tão longe, assim,
de dar-me a paz, como eu de suplicá-la.
Toda a esp'rança perdida, vede, agora,
vede em nosso lugar, postos no exílio,

o seu novo deleite, a raça humana,
para a qual destinou um mundo novo.
Assim, adeus esp'rança; e adeus, temor;
adeus remorso; o Bem, ei-lo perdido.
Mal, sê tu o meu Bem; por ti, ao menos,
divido o império com o Rei dos Céus,
por ti — e talvez eu lhe leve a palma:
sabê-lo-ão em breve o mundo e o homem.»

Haverá quem ainda hoje aprecie, *completamente*, este género de poesia? Creio que sim... Mas não chego a saber se é um bem, se é um mal...

A terminar, resta-me só acrescentar o seguinte: as últimas cinco ilustrações que apresentámos são da autoria do poeta e pintor William Blake, que nasceu cento e cinquenta anos depois de Milton — e cujo «visionarismo», de natureza muito especial, foi profundamente fecundado pela poesia do *Paraíso Perdido*.

Ora bem: se concordarmos com um grande poeta francês contemporâneo — Paul Éluard —, quando ele diz que «o poeta é muito mais aquele que inspira do que aquele que é inspirado», não poderemos deixar de reconhecer que Milton continuará a ser um grande poeta... enquanto continuar a inspirar poetas como William Blake.